

O Forasteiro

H. P. Lovecraft

(Tradução de Renato Suttana)

Infeliz é aquele cujas memórias de infância lhe trazem apenas medo e tristeza. Desgraçado é aquele que se lembra de horas longas e solitárias, consumidas em cômodos enormes e tristes, entre cortinados marrons e fileiras enlouquecedoras de livros antigos, ou que se recorda de espantadas vigílias, passadas entre renques de árvores grotescas e descomunais, que a vinha recobre e que acenam em silêncio lá do alto com seus galhos retorcidos. Tal é o quinhão que os deuses me reservaram – a mim, o perplexo, o desapontado, o estéril, o alquebrado. E, no entanto, sinto um estranho contentamento e me agarro com desespero a essas lembranças ressequidas, quando minha mente, por um momento, ameaça estender-se adiante para as outras.

Não sei onde nasci. Só sei que o castelo era infinitamente velho e infinitamente horrível, cheio de passagens escuras e de tetos onde os olhos podiam descobrir apenas teias de aranha e sombras. As pedras nos corredores decadentes pareciam, sempre, horrivelmente escuras, e havia por toda parte um cheiro maldito, tal como o de montes de cadáveres de gerações inteiras. Nunca havia luz, e eu tinha sempre de acender velas e olhar atentamente para elas em busca de alívio; nem havia sol do lado de fora, já que as árvores terríveis ultrapassavam em altura a mais alta torre acessível. Havia uma torre negra que subia, por cima das árvores, em direção ao céu desconhecido e exterior, mas estava em parte arruinada e não se podia ter acesso a ela senão mediante uma escalada quase impossível, pedra por pedra, ao longo da parede vertical.

Não posso calcular, mas devo ter vivido por anos nesse lugar. Provavelmente, algumas criaturas cuidaram de mim, porém não me lembro de ninguém a não ser de mim mesmo e não me recordo de nada vivo a não ser dos ratos silenciosos, dos morcegos e das aranhas. Creio que quem cuidou de mim teria sido anormalmente velho, pois minha primeira concepção do que fosse uma pessoa viva foi a de alguém parecido comigo, mas deformado, encarquilhado e tão decadente quanto o castelo. Para mim, não havia nada de grotesco nos ossos e esqueletos que se distribuía por algumas criptas localizadas nas profundezas, em meio às fundações. Fantasticamente, eu associava essas coisas aos eventos cotidianos e as supunha mais naturais que as representações coloridas de criaturas vivas que descobria em meus livros embolorados. Desses livros aprendi tudo o que sei. Nenhum professor me instigou nem me guiou, e não me lembro de ter ouvido qualquer voz humana em todos esses anos – nem mesmo a minha própria, pois, embora tivesse lido a respeito da fala, eu mesmo nunca tentara falar. Minhas feições eram

igualmente desconhecidas, porquanto não havia espelhos no castelo, e eu apenas, por instinto, me acreditava assemelhado às figuras jovens que via desenhadas ou pintadas nos livros. Sentia-me consciente da juventude porque me lembrava de bem pouca coisa.

Lá fora, para além do fosso e sob as árvores sombrias e mudas, eu costumava me deitar e sonhar durante horas com o que lia nos livros; e, num profundo anseio, me imaginaria, entre multidões alegres, no mundo ensolarado que havia do outro lado das florestas intermináveis. Uma vez, tentei escapar da floresta, mas quando me distanciei do castelo a sombra se adensou e o ar se sobrecarregou de um medo iminente; então, frenético, voltei correndo, temendo perder minha trilha no labirinto do silêncio noturno.

Assim, por infundáveis crepúsculos, eu sonhava e esperava, embora sem saber o que esperava. Então, na solidão penumbrosa, minha ânsia de luz se tornou tão fremente que não pude mais descansar. Ergui minhas mãos, implorando, à única e ruínosa torre que subia mais alto que a floresta, penetrando no céu exterior e ignorado. E, finalmente, decidi escalar essa torre, mesmo sob o risco de queda, já que era melhor vislumbrar o céu e perecer do que viver para sempre sem contemplar o dia.

Na sombra do crepúsculo galguei os degraus de pedra gasta e antiga, até alcançar o nível onde eles terminavam; e então me agarrei, com perigo, às pequenas reentrâncias que me permitiram subir. O cilindro de pedra estéril e sem degraus era medonho e terrível, bem como negro, ruínoso e deserto, e parecia mais sinistro devido aos morcegos assustados, cujas asas não produziam ruído. Mas mais terrível e medonha era a lentidão de meu progresso, pois, por mais que eu ascendesse, a escuridão do alto não diminuía, e um novo calafrio, como o de algum húmus assombrado e venerável, me assaltou. Estremeci, perguntando-me a razão de eu não alcançar a luz, e teria olhado para baixo, caso ousasse fazer isso. Supus que a noite tivesse descido de repente e em vão apalpei, com a mão livre, em busca de uma janela ou abertura através da qual eu pudesse espiar e fazer ideia da altura atingida.

Súbito, após uma escalada infinita, assustadora e cega através daquele precipício côncavo e desesperador, senti minha cabeça tocar uma coisa sólida e compreendi que eu devia ter alcançado o teto ou, pelo menos, algum tipo de assoalho. Na escuridão, levantei minha mão livre e examinei o obstáculo, constatando que era de pedra e não podia ser movido. Então, comecei um mortal percurso pelo diâmetro da torre, agarrando-me a qualquer reentrância que houvesse na parede escorregadia, até que finalmente minha mão tocou uma parte que cedeu, e olhei para cima outra vez, empurrando a laje ou porta com a cabeça, enquanto usava ambas as mãos em minha subida temerária. Não havia luz na parte de cima, e, quando minhas mãos se elevaram mais, percebi que minha escalada tinha terminado, já que a laje fechava um alçapão

que conduzia a alguma superfície plana, de pedra, cuja circunferência era maior que a da parte inferior da torre – sem dúvida o piso de alguma câmara de observação muito ampla e elevada. Arrastei-me com cuidado através da abertura, tentando impedir que a pesada laje retornasse a seu lugar, mas afinal não consegui. Quando me estendi, exausto, sobre o piso de pedra, ouvi os ecos espectrais de sua queda, pensando em como a ergueria novamente.

Supondo que eu me encontrava a uma altura prodigiosa, bem acima dos galhos amaldiçoados da mata, ergui-me do chão e tateei em busca de alguma janela, de modo a poder contemplar, pela primeira vez, o céu, a lua e as estrelas sobre os quais havia lido. Mas cada apalpadela me desapontava, já que tudo o que eu encontrava eram vastas prateleiras de mármore, sobre as quais havia caixas oblongas e odiosas, de tamanho perturbador. Mais e mais eu refletia, perguntando-me que antiqüíssimos segredos poderia conter esse cômodo elevado, que jazera durante muitos éons isolado do castelo lá embaixo. Então, inesperadamente, minhas mãos revelaram um vestíbulo, onde havia um portal de pedra, coberto de estranhos entalhes. Descobri que estava trancado, mas, com um supremo espasmo de força, consegui romper os obstáculos e abri-lo com um empurrão. Quando fiz isso, ocorreu-me o mais puro êxtase que eu jamais experimentara, pois, brilhando tranqüilamente através de uma grade de ferro ornamentada, para além de uma passagem curta de pedra que subia daquele novo vestíbulo que se abriu, havia uma lua cheia, radiante, que eu nunca vira antes a não ser em sonhos e em vagas visões que não me atrevo a chamar de lembranças.

Crendo ter alcançado o pináculo do castelo, comecei a galgar os poucos degraus que havia além da porta, mas o súbito desaparecimento da lua atrás de uma nuvem me fez tropeçar e me obrigou a tatear mais lentamente na escuridão. Ainda estava muito escuro quando cheguei à grade – que examinei com cuidado, percebendo que não estava trancada, mas que não abri por medo de cair da altura espantosa a que tinha subido. Então a lua reapareceu.

O mais demoníaco de todos os choques é aquele do abismalmente inesperado e do grotescamente inacreditável. Nada do que eu conhecera antes podia comparar-se em terror àquilo que eu via agora, às maravilhas bizarras que se descortinavam à visão. A visão em si era tão simples quanto estupefaciente, pois consistia apenas disto: em vez do panorama vertiginoso dos topos das árvores visto de uma considerável altura, estendia-se à minha volta, visível através da grade, nada menos que o chão sólido, adornado e recortado por lajes e colunas de mármore, bem como ensombrado por uma antiga igreja de pedra, cuja torre, em ruínas, era banhada por um luar spectral.

Meio inconsciente, abri a grade e cambaleei para fora, chegando ao caminho de seixos que se abria em duas direções. Minha mente, atordoada e caótica como estava, ainda preservava o anseio frenético por luz, e nem mesmo o

espanto fantástico que se sucedera poderia impedir meu avanço. Eu não sabia nem me preocupava em saber se minha experiência era insanidade, sonho ou magia; porém estava determinado a experimentar o brilho e ou a alegria a qualquer custo. Eu não sabia quem eu era ou o que eu era, ou o que seria aquele lugar, embora, enquanto avançava aos tropeços, tivesse consciência de um tipo assustador de memória latente que tornava meu avanço não totalmente fortuito. Passando por um arco, saí daquela região de lajes e colunas e vaguei por um campo aberto, seguindo às vezes uma estrada visível, mas às vezes, inexplicavelmente, abandonando-a para penetrar em descampados onde, apenas ocasionalmente, algumas ruínas revelavam a antiga presença de uma estrada esquecida. Numa ocasião, nadei através de um rio veloz no qual a presença de ruínas e musgo falava de uma ponte há muito desaparecida.

Cerca de duas horas devem ter se passado antes que eu atingisse o que parecia ser minha meta – um castelo venerável, coberto de hera, encravado num local de arvoredo denso, perturbadoramente familiar, embora, para mim, repleto de uma estranheza atordoante. Constatei que o fosso fora aterrado e que algumas das torres familiares tinham sido demolidas, e havia novos pavilhões, a confundir o observador. Mas o que observei com maior interesse e delícia foram as janelas abertas – espantosamente iluminadas, das quais provinha o som de alguma comemoração alegre. Aproximando-me de uma delas, olhei para dentro e deparei com uma gente risonha, vestida com estranheza, a conversar animadamente. Pelo que me consta, eu nunca tinha ouvido pessoas conversando antes e podia apenas imaginar, de modo vago, o que estavam a dizer. Algumas faces exibiam expressões que evocavam lembranças incrivelmente remotas, e outras eram totalmente desconhecidas.

Através da janela, penetrei no cômodo iluminado, passando, quando fiz isso, do meu único momento de luz e esperança para minha mais profunda convulsão de desespero e compreensão. O pesadelo estava prestes a ocorrer, pois, quando entrei, aconteceu de imediato um dos espetáculos mais terríficos que jamais presenciei. Mal eu havia cruzado a moldura, e desceu sobre toda a assembléia um medo subitâneo, inesperado, de uma intensidade ominosa, que distorceu todas as faces e suscitou os gritos mais horríveis em quase todas as gargantas. Houve uma fuga geral, e no clamor e no pânico muitos desmaiaram e foram arrastados por seus companheiros em fuga. Muitos cobriam os olhos com as mãos e avançavam às cegas, desajeitados, tropeçando na mobília ou trombando contra as paredes, antes de alcançar uma das muitas portas de saída.

Os gritos eram tremendos, e, quando me achei sozinho e ofuscado no salão brilhante, ouvindo os últimos ecos da escapada, estremeci pensando no que poderia estar ao meu lado. A uma vista de olhos casual, o cômodo parecia deserto, mas, quando caminhei em direção a uma das alcovas, pensei ter

detectado uma presença – um ligeiro vislumbre para além do arco dourado do portal que conduzia a outra sala, muito similar à primeira. Quando me aproximei do arco, comecei a distinguir com mais clareza a presença e então, com o primeiro e último som que pronunciei em minha vida – um uivo arrepiante que me perturbou de modo quase tão pungente quanto a sua causa hedionda –, com uma vivacidade aterradora, me vi de frente para uma monstruosidade inconcebível, indescritível e inominável, a qual, pelo seu simples aparecimento, tinha transformado uma alegre companhia numa horda de fugitivos delirantes.

Não posso sequer sugerir a sua aparência, pois era um composto de tudo o que é sujo, antinatural, desagradável, anormal e detestável. Era a sombra fantasmagórica da decadência, da antigüidade e da dissolução, o ídolo pútrido e decomposto de uma revelação malsã, a revelação pavorosa daquilo que a terra, por misericórdia, deveria esconder para sempre. Deus sabe que não era deste mundo – ou não mais deste mundo –, conquanto, para o meu horror, vi em seus traços carcomidos e ossudos uma paródia repugnante e maligna da forma humana, e em suas vestes imundas e desintegradas uma qualidade indizível, que me fez estremecer ainda mais.

Senti-me quase paralisado, mas não tanto que não fizesse um débil esforço de fuga, tropeçando de volta, o qual não chegou a quebrar o encanto que o monstro inominável, mudo, exercia sobre mim. Meus olhos, enfeitiçados pelas órbitas vítreas que me fitavam de modo horrendo, se recusavam a fechar-se, embora estivessem impiedosamente embaçados e não percebessem o terrível objeto senão de maneira indistinta após o primeiro choque. Tentei erguer a mão e bloquear a vista, mas meus nervos estavam a tal ponto abalados que meu braço não obedecia ao querer. A tentativa, contudo, foi o suficiente para perturbar meu equilíbrio, de modo que tive de dar alguns passos involuntários para diante, a fim de evitar a queda. Quando fiz isso, tomei consciência – com uma angústia súbita – da proximidade em que se encontrava aquela coisa podre, cuja respiração vazia, repulsiva, tive a impressão de poder ouvir. Quase louco, consegui ainda levantar a mão para desviar a fétida aparição que parecia tão próxima, quando, num segundo cataclísmico de pesadelo cósmico e acidente infernal, meus dedos tocaram a pata apodrecida do monstro, que a erguia por sob o arco dourado.

Não cheguei a gritar, mas todos os demônios que cavalgam o vento noturno gritaram por mim, enquanto, naquele mesmo segundo, desabou sobre minha mente uma avalanche rápida de lembrança dilaceradora. Reconheci, naquele segundo, tudo o que eu tinha sido. Lembrei-me de coisas que existiam para além das árvores e do castelo amedrontador, e reconheci o edifício modificado no qual eu me encontrava agora. Reconheci – o que é mais terrível – a abominação blasfema que eu tinha à minha frente, enquanto meus dedos se afastavam dos seus.

Mas no cosmo existe o bálsamo, tal como existe a amargura, e esse bálsamo é o nepentes. No supremo horror daquele segundo, esqueci o que tinha me aterrorizado, e a explosão de lembrança negra se desvaneceu num caos de imagens ecoantes. Num sonho, fugi para longe daquela construção assombrada, maldita, e corri em silêncio sob o luar. Quando retornei ao adro da igreja de mármore e desci os degraus, constatei que a laje do alçapão não se moveria, mas não me aborreci, pois sempre odiara o castelo antigo e as árvores. Agora viajo com os demônios amigáveis e irreverentes do vento noturno e durante o dia brinco entre as catacumbas de Nephren-Ka, no vale desconhecido e inacessível de Hadoth, junto ao Nilo. Sei que a luz não é para mim, a não ser aquela da lua que banha as tumbas de pedra de Neb, e também a alegria, a não ser aquela das festas de Nitokris ao pé da Grande Pirâmide. E, no entanto, nesta selvageria e liberdade novas, quase chego a cumprimentar os amargores da errância.

Pois, embora o nepentes me tenha acalmado, reconheço sempre que sou um forasteiro, um estrangeiro neste século e entre aqueles que ainda são homens. Isso eu soube desde que, sob a grande moldura dourada, levantei meus dedos para a abominação – levantei meus dedos e toquei uma superfície fria e indiferente de vidro polido.

Fonte: <http://www.arquivors.com/oforasteiro.htm>